

RESENHA

ARISTÓTELES. ÉTICA A NICÔMACO. SÃO  
PAULO: MARTIN CLARET, 2015.

*Gabriel Cassiotti*



ARISTÓTELES. **ÉTICA A NICÔMACO**. SÃO PAULO: MARTIN CLARET, 2015.

*Por Gabriel Cassiotti  
Acadêmico do 5º semestre B do Curso de Direito da Faculdade Católica Rainha da Paz-  
FCARP, Araputanga-MT.*

*gabrielcassiotti@gmail.com*

Aristóteles foi um importante filósofo grego, que viveu entre 384 e 322 a.C, nascido na Estágira, Macedônia. Aos dezessete anos, entrou para a academia de Platão, na cidade de Atenas, tornou-se um discípulo de destaque ao longo dos vinte anos em que permaneceu na academia, chegando a ser professor. Foi mentor de Alexandre, sucessor do rei Felipe II, o conquistador da Grécia. O rei Alexandre ficou conhecido como **o grande**, por ter conquistado diversos povos e fundado a cidade de Alexandria. Aristóteles fundou sua escola, com o nome de o Liceu, em Atenas, por volta de 335 a.C, importante centro de estudos divididos em especialidades. Aristóteles tinha o hábito de dar aula e debater caminhando; sua obra inclui diversas especialidades como lógica, física, metafísica, moral, política e retórica. O filósofo, assim como seu mestre, Platão, foi perseguido por causa de suas ideias e teve que se exilar, falecendo, em 322 a.C, com sessenta e dois anos.

Esta obra tem por objetivo apresentar as características do comportamento humano, o autor faz uma análise sobre o comportamento ético e suas características. Aristóteles deseja que o conhecimento ético não fique apenas no campo das ideias, mas que também seja praticado e ensinado. O comportamento humano sempre reflete o seu caráter, por isso o autor traz fatos do cotidiano para tentar aproximar a análise e estudo para a ação prática.

A obra foi organizada em dez livros: I- Discute o bem, as ações e as escolhas; II- Virtude moral e a importância do meio termo; III- Ato moral e as paixões; IV- As virtudes morais; V- A justiça; VI- Virtudes da alma e racionalidade; VII- Vícios e ações que o homem virtuoso não deve praticar; VIII- Amizade; IX- Amizade política; X- Conclui a obra discutindo os prazeres as virtudes e o papel da política.

No primeiro livro, questiona-se o que é o bem, todas as ações e escolhas tendem a um bem. Então, para tudo que é feito existe um bem, se o bem que desejamos é um bem em si mesmo, e não o desejamos para obter outro bem, esse é o bem supremo. O objetivo das

ações é a felicidade, porém a felicidade para o homem comum é distinta para o homem sábio. Portanto, a felicidade é a melhor coisa que existe, e não se confunde com a honra, o prazer e a riqueza, porém condiciona-se a esses para a sua realização.

O segundo livro, aborda as virtudes e suas duas espécies, intelectuais e morais. A virtude intelectual é aquela que resulta do ensino, já a virtude moral resulta do hábito e pelo exercício, do mesmo modo que se formam essas virtudes podem-se destruí-las. As relações com homens justos e injustos, e atos praticados são meios de destruir as virtudes. É importante, desde cedo, praticar as boas ações e com elas se habituar. O excesso ou a falta da virtude também pode ser destrutivo. É importante chegar ao meio termo, isso quando há excesso ou falta de ações ou paixões. Além disso, não há meio termo em paixões e ações que visem à maldade, não se pode buscar meio termo entre atos injustos. Somente por meio de atos justos é possível formar homem justos.

O terceiro livro, trata sobre o ato moral. A virtude relaciona-se com paixões e ações, que são voluntárias ou involuntárias. É involuntário quando o ato ocorre pela coação ou ignorância, pela força ou para evitar algo mais grave. Já o ato moral voluntário possibilita a escolha de fazer ou de não fazer algo. Entretanto, quando as ações possibilitam escolha do indivíduo mas esse de alguma forma é pressionado a decidir de uma determinada forma, essa ação assemelha-se à involuntária. Também, podem ocorrer atos voluntários praticados sob impulso; esses não são escolhidos, mas são praticados sem que exista a força externa que obrigue o agente.

No quarto livro, são apresentadas as virtudes morais. A primeira a ser tratada é a liberalidade, que é o meio termo entre adquirir e distribuir as suas riquezas materiais, entre a prodigalidade e a avareza. A virtude da magnificência se vincula à riqueza, e diz respeito aos grandes gastos, que almejam a honra. Portanto, o homem magnífico precisa ser um homem liberal para poder alcançar seus objetivos. O homem pobre não consegue ser magnífico, pois não pode ter grandes gastos, assim o homem magnífico realiza atos de tal forma que esses se tornam difíceis de se superar. Para alcançar esse resultado é necessário grande gasto. Já o homem humilde é aquele que sempre se julga menor do que realmente é, e o homem que é digno de pequenas coisas e se julga digno delas é o homem temperante. Por último, a calma é uma virtude moral, meio termo entre a cólera e a pacatez. O homem calmo é aquele que apenas se enfurece por motivos justos, e os que não se perturbam por nada são os tolos.

O livro quinto analisa a justiça e a injustiça. A justiça é a virtude mais perfeita e está nas

outras virtudes. O justo traz a virtude ao próximo e não somente a si, ele é aquele que obedece a lei, é íntegro e honrado, enquanto o injusto é desonesto. Também, a justiça está na distribuição igualitária de acordo com a desigualdade. O justo é proporcional. Já a justiça corretiva intervém para resolver uma desigualdade, é intermediária entre ganho e perda. O juiz é o meio termo que resolve a desigualdade e restaura a igualdade para as partes.

O sexto livro aborda as virtudes da alma e sua parte racional, dividida em duas partes: a parte científica e a calculativa. Pertencem à alma três fatores predominantes; a sensação, o intelecto e o desejo. A ação é o meio para atingir um fim desejado, é uma escolha que não pode ocorrer sem pensamento e disposição moral. O princípio da ação é o homem. Contudo, as duas partes intelectuais da alma têm a verdade como função. Afirma quais são estados que a alma expõe a verdade: arte, conhecimento científico, sabedoria prática, sabedoria filosófica, razão intuitiva. Tendo esses estados como base, o homem alcança os fins de suas ações.

No sétimo livro, são apresentados os vícios e outras práticas que os homens virtuosos não praticam. O primeiro deles é a brutalidade, que é a total ausência de virtudes e até mesmo os vícios, e está vinculada aos bárbaros. Outra disposição de caráter a ser analisada é a incontinência. Homem incontinente é aquele que sabe julgar racionalmente o que é certo e errado e mesmo tendo um julgamento justo age de forma incorreta. Sócrates, entretanto, afirma não existir a incontinência, pois ninguém age de forma contrária ao próprio pensamento. A incontinência é muito complexa, pois envolve o raciocínio do homem em choque como os prazeres, as opiniões e as paixões, que fazem o homem agir em desacordo com seu próprio julgamento.

Há também a incontinência absoluta. Essa está ligada ao dinheiro, a cólera e a honra. Contudo, muitos prazeres são necessários para o homem, e muitos não são prejudiciais, mas quando são prejudiciais se tornam muito maléficos. É importante que o homem seja forte e saiba ser temperante e não se deixe levar pela frouxidão.

O oitavo livro aborda a amizade. Ela é a virtude mais nobre e necessária ao homem. Nada valeria ter muitos bens, autoridade, poder, e não ter amigos. Além disso, a amizade traz apoio e segurança, indispensáveis até mesmo aos mais poderosos, porque os homens são mais fortes quando agem em grupo, e faz parte da natureza do homem a facilidade para fazer novas amizades. Entretanto, a amizade é diferente de muitas maneiras. Há aqueles que buscam a utilidade, o prazer ou a paixão, então possuem uma amizade frágil.

Também há aqueles que possuem afeição e amor recíproco pela pessoa por ser quem é, não por aquilo que a pessoa pode dar. Assim, homens bons, virtuosos e que desejam o bem ao outro, possuem amizade forte e duradoura. Contudo, não se pode confundir amizade como benevolência, mesmo que seja recíproco, pois desejar o bem a uma pessoa não é o mesmo que amizade.

O nono livro dá continuidade ao anterior, e aborda a amizade política em que há remuneração proporcional, que deve parecer justa para ambas as partes. Nessas amizades, não se ama a pessoa em si, mas sim, os benefícios que esperam receber, essas amizades não são duradouras. Os acordos feitos são pagos com dinheiro. De acordo com a atividade ou o objeto negociado, ocorrem desacordos quando os amigos obtêm coisas diferentes do que imaginaram. É muito importante retribuir os benefícios dos benfeitores, agradar os amigos e sempre pagar a dívida assumida. As amizades que tem como base o prazer e a utilidade e se desfazem quando os amigos não são mais os mesmos que antes. Também, se o homem que antes era bom se torna mau, é impossível amá-lo, pois não se deve amar o que contém vício. Portanto, as pessoas más se unem para praticar o mau, e as pessoas virtuosas se unem para praticar o bem.

O livro décimo fala sobre o prazer, pois ele faz parte da natureza do homem. Muitos consideram o prazer um bem e outros um mau, mas é preciso encontrar um meio termo para não se tornar escravo do prazer. Também, os prazeres são diferentes de acordo com a forma, se vêm de fontes nobres são nobres, mas se vêm de fontes viciosas assim serão. O homem justo só sente prazer com coisas justas. Assim, o prazer não é um bem e nem todos os prazeres são desejáveis pelo homem. O homem precisa ser educado e estimulado para a virtude. Os legisladores têm um papel fundamental para o bem comum. Eles podem regular o comportamento e combater os vícios, e as coisas desonestas, e punir com sanções aqueles que não se comportarem de forma adequada. Para tanto, o legislador precisa ter conhecimento para adequar os indivíduos que praticam uma má conduta. Esse é o papel da ciência legislativa.

As ações buscam a felicidade, que se condiciona ao prazer, à honra e à riqueza. A virtude é o meio termo entre paixões e ações, são intelectuais quando ensinada, e morais se vêm pelo hábito. Também, o ato moral pode ser voluntário, quando responsabiliza o agente, ou involuntário, se não responsabiliza o agente. A justiça é a virtude mais perfeita, é a igualdade de acordo com a lei, e também na distribuição das riquezas. A amizade é necessária ao homem, sem ela não há apoio e todo o poder e a riqueza não tem valor. Os homens tendem a agir em coletivo, e tem facilidade para fazer novas amizades, mas é

difícil ter uma amizade duradoura. O prazer não é um bem, e nem todo prazer é benéfico ao homem. É fundamental que o prazer tenha fontes nobres.

Com base na obra de Aristóteles, concluímos que é de suma importância estudar as diferentes ações dos homens, estudar a ciência do comportamento e usar o conhecimento para contribuir para a sociedade. O livro deixa muito clara a sua mensagem: as ações devem ser virtuosas, justas e temperantes. O meio termo é sempre mais justo que um dos extremos. Por fim, a política tem o poder de contribuir para o crescimento e para o amadurecimento dos valores morais da sociedade, onde os homens visem sempre ao bem e à justiça.

A obra é atemporal e constitui a base para o estudo da ética. É dirigida a todas as áreas do conhecimento, e recomendada a acadêmicos de Ciências Humanas, Direito, História, Teologia, Filosofia, antropologia, sociologia, e aos professores e pesquisadores.